

A nação precisa construir ética em todos os níveis da pirâmide social, para que haja ética na cúpula. Os indivíduos honestos são valorizados e tornam-se líderes quando a comunidade valoriza o cumprimento anônimo e silencioso do dever.

O conjunto das relações econômicas, políticas, familiares e culturais deve ser melhorado e erguido, para que existam como resultado disso um cumprimento do dever nos meios políticos, um nível adequado de decência no poder judiciário, e ética e boa vontade por parte dos meios de comunicação social.

Os Deveres, os Direitos e o Bom Senso

A ausência de uma noção clara da lei do plantio e da colheita provoca inevitavelmente a decadência, a mentira e o roubo. Cada vez que os cidadãos se preocupam mais com os seus direitos do que com os seus deveres, passa a haver um déficit cármico.

Quando um número grande de pessoas busca aquilo que não merece e pretende colher o que não plantou, o egoísmo passa a dominar o processo social. A cobiça, a frustração e o rancor produzem então uma longa maré de destruições, começando no interior das almas.

O certo é plantar para colher o que é moralmente bom, belo e verdadeiro. Alinhado com o melhor da sabedoria antiga, Samuel Pufendorf (1632-1694) escreveu páginas admiráveis sobre os deveres do homem e a Lei Natural.[1]

A partir do final do século 18, porém, a pauta dos movimentos sociais passou a ser dominada pela ilusão de que, “destruindo o erro, restará a harmonia”; e “eliminando os injustos, a justiça reinará”.

Tivemos desde a Revolução Francesa um grande número de revoltas e revoluções fracassadas, exemplos inumeráveis de crueldade feita em nome de belos ideais, e uma série ainda não interrompida de desastres sociais promovidos às vezes com as melhores intenções.

Por outro lado, cada vez que o bom senso é conquistado, a vida comunitária se organiza sobre o princípio básico de que é preciso plantar o que se deseja colher. As pessoas percebem então que o primeiro dever humano é adotar uma atitude construtiva. E que não há direitos humanos, se não houver antes deveres.

Cabe agir com justiça para ser tratado com justiça. Combater o erro é importante, e construir o que é nobre é igualmente decisivo.

A inteligência pura manda construir relações sociais e econômicas harmoniosas, para que haja verdadeiro progresso. Rancor gera rancor, mas a ajuda mútua produz ajuda mútua, a sinceridade permite corrigir os erros, e o altruísmo permite criar o melhor.

Para Reduzir a Perda de Tempo

Em uma comunidade em que as pessoas estão acostumadas a perder energia falando sobre os defeitos uns dos outros e fazendo acusações mútuas, poucos têm o tempo necessário para corrigir as suas próprias falhas.

Atacar os outros pode ser uma desculpa - entre outras - para não corrigir aquilo que depende de nós.

Um duro combate a quem pensa diferente pode ser um sintoma de que estamos deixando de lado aquela tarefa que ninguém poderá fazer por nós: melhorar a nós próprios.

Faz sentido apontar problemas quando o objetivo é definir e implementar soluções, ou prevenir o crescimento dos desafios, ou tirar lições deles. O hábito do eu inferior de produzir irresponsavelmente sentimentos e pensamentos negativos deve ser observado com rigor, compreendido, e abandonado.

Embora uma visão crítica das coisas seja um instrumento essencial para evitar a derrota, essa capacidade de discernir o verdadeiro e o falso precisa estar associada a três outros fatores: desapego pessoal, boa vontade incondicional, e pensamento positivo.

Cabe melhorar o grupo social a que pertencemos, para que o seu exemplo coletivo de crescimento em ética possa alcançar outras partes do mundo.

NOTA:

[1] Veja, por exemplo, “On the Duty of Man and Citizen According to Natural Law”, Samuel Pufendorf, Cambridge University Press, UK, 1991, 183 páginas.

O Espírito e as Circunstâncias



A consciência humana não é determinada pela realidade externa.

A influência das condições do entorno sobre o estado mental e emocional do indivíduo é de importância secundária. É a sua atitude diante das circunstâncias que determina a organização da consciência.

O equilíbrio é interno, o ruído é externo. As circunstâncias mudam o tempo todo: o ser interior permanece em paz. Na medida em que a nossa personalidade estiver sintonizada com

a alma espiritual, cada circunstância - agradável ou não - será usada como fonte de aprendizagem.

Indivíduos ingênuos acreditam que controlar as circunstâncias é mais importante que controlar a si mesmo. O peregrino que possui uma visão realista da vida sabe que controlar a si mesmo através do autoconhecimento e do autorrespeito é decisivo, enquanto que ter uma influência forte sobre aspectos externos da vida não pode ser a meta. O carma depende do caráter.

A melhor maneira de influenciar as circunstâncias é controlar a si próprio, em primeiro lugar. Porque as circunstâncias tendem a adaptar-se lentamente ao nosso estado de consciência, na medida em que tal estado for verdadeiro, e estável, e nobre.

Vivendo a Luz Espiritual



“Seja uma lâmpada para si mesmo”, diz a sabedoria oriental. “Alcance a iluminação por mérito próprio”.

A luz da sabedoria deve ser encontrada *dentro* da alma humana e não fora. Quando isso acontece, desaparece a separação entre o que é “interno” e o que é “externo”, e a unidade de todas as coisas se torna visível.

A realização deste despertar depende da nossa relação com os ensinamentos. A interação com eles é prática? Como eles são aplicados na vida diária? Até que ponto nossa motivação é altruísta?

Ser uma lâmpada depende da nossa atitude para com nós mesmos. O peregrino deve ser um mestre para seu eu “animal”, e um humilde aluno diante da voz da sua própria consciência. Viver a luz significa possuir aquela confiança na Lei e nos acontecimentos futuros que tem como alicerce uma coisa chamada conhecimento direto.

O Exagero é o Começo do Fim

Um Amor Excessivo pelas Aparências Resulta do Medo da Verdade



A moderação é em alguns casos vista como fora de moda nos dias de hoje. Muitos pensam que estamos na era dos *efeitos especiais*, da propaganda, dos cosméticos e do faz-de-conta.

A honestidade e a sinceridade são descritas como “coisa antiga”. A falsidade circula como característica das “pessoas espertas”.

Na realidade, é a moderação que torna a vida sustentável. O exagero é o começo do fim de todas as formas de vida. O amor excessivo pelas aparências resulta do medo da verdade. A hipocrisia predomina pouco antes da autodestruição de uma sociedade, e cada forma de mentira derrota a si própria, preparando o caminho para o renascimento da ética.

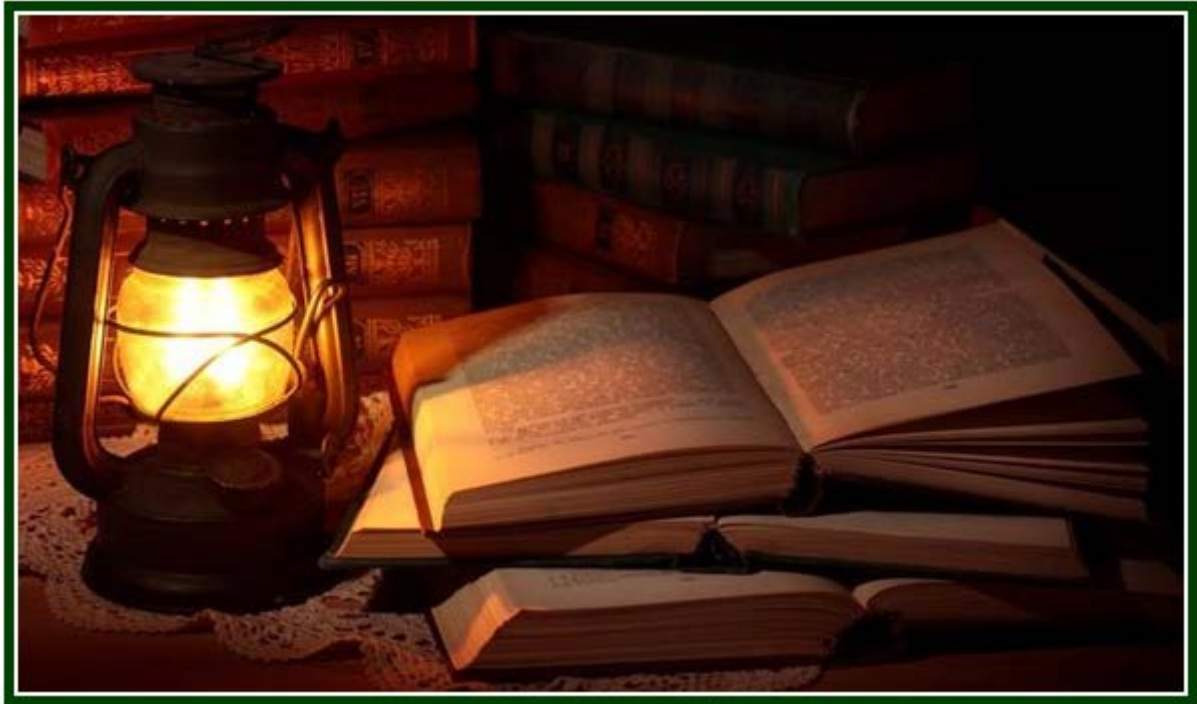
Portanto, a relativa dominação de notícias falsas, fúteis e nocivas nos meios de comunicação social de hoje deverá abrir as portas, no momento certo, para uma relação nova e melhor entre o jornalismo e a sinceridade.

Em todos os tempos, o trabalho do bom jornalista é sóbrio e confiável.

000

V veja em nossos websites associados o recente artigo “[A Aceleração do Renascimento](#)”.

O Poder do Agora e o Processo do Carma



As associações do movimento teosófico internacional que obedecem a interesses políticos e corporativos evitam cuidadosamente examinar o seu próprio passado, ou tirar lições da História.

Seus líderes costumam dizer que se deve “viver no presente”. Citam Krishnamurti, ou falam sobre “o poder do Agora”.

Nas Cartas dos Mahatmas, no entanto, podemos ver:

“Loucos são aqueles que, especulando apenas sobre o presente, fecham voluntariamente os olhos para o passado, quando já são naturalmente cegos para o futuro!” [1]

Quem pratica mais política do que teosofia depende da aparência e precisa evitar a verdade, sempre incômoda para os acomodados.

A negação do passado é prioridade para as mentes que têm orgulho de não pensar. Por outro lado, o estudo da História mostra os ciclos e os padrões que dirigem os acontecimentos atuais, e influenciam fortemente o futuro.

NOTA:

[1] “Cartas dos Mahatmas”, Carta 1, volume I, segundo parágrafo.

A Lei Que Rege o Globo



Há um equilíbrio natural na vida do nosso planeta.

Tanto na existência individual como na coletiva, cada estrutura de poder é compensada e complementada por outras formas de liderança.

É neurótico o sonho de obter um poder unilateral, que não presta contas sobre o que faz. Desejos doentios desse tipo levam a grande sofrimento.

Em toda a Terra, diferentes culturas e formas de poder variadas são fundamentalmente solidárias entre si, na medida em que forem saudáveis.

E no plano doméstico, quando a decadência ética domina uma comunidade, os cidadãos de boa vontade devem usar o seu discernimento para permanecer de fora das tendências destrutivas, fortalecendo a sintonia com as dinâmicas saudáveis que irão dominar outra vez no momento certo, de acordo com a lei do carma.

000

* **Sou um morador do reino espiritual** e às vezes visito o mundo físico. Vejo acontecimentos pouco inspiradores a meu redor, e decido não prestar demasiada atenção a eles. Há quantidades significativas de ignorância na sociedade atual, e disso eu tiro uma lição inevitável: o desapego. Observo fatos inspiradores duráveis na natureza humana e na natureza divina - e dou a eles a merecida atenção. Sei onde fica a minha verdadeira casa, e consigo identificar a dimensão da vida em que, assim como meus semelhantes, estou de visita.

A Respiração das Florestas e o Ar Que os Humanos Respiram



A humanidade está numa situação interessante no século atual. Helena Blavatsky escreveu que a destruição das nações segue-se à destruição das florestas tão seguramente como a noite segue-se ao dia. [1]

O nível de destruição das florestas ao redor do mundo é agora sem precedentes, assim como a quantidade de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera. Isso faz com que o risco de incêndios cresça a cada dia. À medida que os incêndios e o desmatamento se expandem, o nível de CO₂ fica elevado. E com o aumento de CO₂, os incêndios são mais difíceis de evitar.

Os eventos geológicos todos tornam-se mais rápidos, e há uma relação invisível, mas direta, entre as almas dos seres humanos e a degradação do meio ambiente físico.

A paz é interna. Estamos no momento certo para plantar as sementes de uma civilização melhor, mas não para esperar uma grande melhora de curto prazo. *Não é num ciclo de decadência ética que uma civilização pode florescer em harmonia.*

NOTA:

[1] Veja o artigo “O Que a Teosofia Original Diz Sobre a Vida da Floresta”, na edição de setembro de 2016 de “O Teosofista”, pp. 11-12.

000

Veja em nossos websites o artigo “O Decálogo das Florestas”.

A Decisão de Pensar Por Si Mesmo



Um pequeno mar de falsidades rodeia o cidadão do mundo de hoje. A forma mais perigosa de desinformação, porém, não ocorre através de meras notícias que não correspondem aos fatos.

A pior maneira de não saber coisa alguma é ter um interesse por questões irrelevantes, e adotá-las como “relevantes”. É ver como importantes coisas que não importam, e olhar para coisas decisivas como se não fizessem diferença.

Quais são os aspectos da realidade que têm de fato importância e que devemos tratar de conhecer neste exato momento, no plano individual? Em nossa família? Em nossas cidades e nações?

Cada um precisa decidir isso. Em todos os casos, as alternativas devem ser bem examinadas, e cabe tomar as decisões de modo consciente, responsável. O buscador da verdade evita processos de hipnotismo coletivo. Para ele é um privilégio pensar por si mesmo, aprender com os erros, e colocar a busca ativa da verdade acima de meras opiniões.

000

*** Uma agradável hipocrisia**, uma falsidade bem-intencionada e fraudes feitas com sentimento religioso degradam a verdade ao tratá-la como se fosse demasiado grosseira e como insuportável quando vista diretamente. Deste modo as palavras deixam de servir para que as pessoas se comuniquem, e começam a esconder a verdade mais do que a expressam. Quando isso ocorre, a violência e o fanatismo podem espalhar-se em todos os aspectos da vida, porque as pessoas honestas são vistas como intolerantes, e os mentirosos, como almas espiritualizadas. O poder então pertence aos sepulcros caiados - até o momento em que o Carma traz de volta a Justiça.

Olhando Além da Ilusão

Nas Cartas dos Mahatmas vemos a afirmação de que a opinião pública de curto prazo se baseia principalmente no engano e na aparência.[1]

O fato pode ser facilmente confirmado pelos cidadãos que olharem para os acontecimentos atuais com uma quantidade razoável de desapego pessoal.

O observador atento deve examinar os fatos sociais desde o ponto de vista da ética, e dentro das linhas da evolução de longo prazo.

A mídia comercial, no entanto, *vende o seu conteúdo em troca de dinheiro e poder*, e a verdade não é a sua maior meta. O pensamento distorcido pela ambição domina o mundo político de “esquerda” e de “direita”.

Mesmo o movimento teosófico ainda precisa expandir radicalmente o seu grau de respeito incondicional pela Verdade, de modo a poder ensinar aos outros setores da sociedade o caminho que leva à justiça e à harmonia.

NOTA:

[1] Veja por exemplo a Carta 74 em “Cartas dos Mahatmas”, volume I.

Ideias ao Longo do Caminho Desapego, Independência e Simplicidade



* A verdade não pertence a pessoa alguma, porque as pessoas passam e aquilo que é eterno não pode estar sob controle do que é temporário. O oposto, isso sim, constitui um fato: todos os seres pertencem à Verdade. As entidades temporárias existem - uma e outra vez - no espaço ilimitado do eterno.

* Os acontecimentos externos formam o que os Sábios chamam de “mundo dos efeitos”. A filosofia esotérica ensina como atuar de modo responsável no “mundo das causas”. O reino

das causas está em nossas almas. Para produzir o tipo certo de efeitos, cabe tomar decisões acertadas em relação ao que depende de nós. E isso raramente é tão fácil quanto parece, porque requer que tenhamos uma meta clara, desapego, e discernimento.

* A vontade abstrata de fazer algo pode ser suficiente para tomar uma decisão. Em seguida é preciso colocar em movimento energias mais concretas, de modo a criar os efeitos desejados. A distância entre a intenção e o gesto deve ser observada. Dentro de nós, diferentes níveis de consciência tendem a obedecer a vários interesses. A clareza de visão raramente é absoluta, e pode ser aumentada todos os dias.

* Nas comunidades humanas assim como na psicologia individual, há uma vasta diferença entre paz e estagnação. O motivo disso está no fato de que harmonia não inclui indulgência. Uma cooperação durável entre as pessoas só pode ser preservada pela prática da ação correta, durante uma busca paciente e compartilhada de metas legítimas.

* Os instintos cegos e as emoções desorientadas promovem dolorosos altos e baixos na vida. Aquele que busca a sabedoria precisa ter força para ignorar as ilusões do prazer e da dor de curto prazo, e cumprir seu dever.

* Quando a satisfação pessoal não é uma meta em si mesma, alcançamos o bom senso. A sabedoria teosófica é como a água pura em condições naturais: é insípida, inodora, incolor, e não tem forma externa rígida.

* Há uma bênção em contemplar a sabedoria expressada nos contos populares das diferentes nações. Narradas com palavras simples, as melhores histórias tradicionais falam diretamente à alma. Elas podem ser encontradas na literatura da Índia, de Israel, da Rússia, da Grécia antiga, da China e de todos os países. Elas mostram ao mesmo tempo a diversidade cultural e a unidade interna dos seres humanos.

* A busca do que é politicamente correto forma uma rede viva de ilusões, interconectadas pelo apoio comum à falta de realismo. Deste modo surge a ignorância coletivamente organizada. Como superar as formas cegas de vida? Um grau de indiferença a vitória e derrota aparentes permite que um indivíduo desperte, e escute sua própria alma.

* O ser humano nasce para adquirir um discernimento espiritual crescente do que é certo e errado. A alma de cada cidadão é amiga de todos os seres. Ao mesmo tempo, ela rejeita as centenas de formas de ignorância e egoísmo em qualquer tempo e lugar. A cada ser que acorda e se ergue, a ignorância perde mais força.

* Quando o trabalho humanitário se baseia em uma visão de curto prazo dos fatos, a ansiedade e a busca de metas superficiais tendem a predominar. Na ação de longo prazo, é possível ver os frutos do esforço e há tempo suficiente para corrigi-lo. Então não é criado apenas um conjunto de resultados. Surge um processo inteligente de produção de carma novo. Em um tal processo de desenvolvimento podemos aprender. Ao identificar os erros e deixar de fazê-los, aperfeiçoamos constantemente o esforço.

* Mais importante do que exigir alguma coisa é dar o exemplo. Cobiça, raiva, ambição e desejos exagerados provocam ações cegas, levando à desarmonia social. Ordem, por outro lado, só pode existir quando há moderação. A simplicidade voluntária resulta do desapego, e de um sentimento interno de independência diante das circunstâncias. Então experimentamos um contentamento durável que ao invés de obedecer à lógica do mundo externo, guia o mundo e o ilumina, preservando a nossa liberdade no plano da alma e do pensamento.

* Quando você age em perfeita paz e com a necessária calma sobre aspectos essenciais da realidade, tudo se coloca em movimento a seu devido tempo na direção correta. Não vale a pena trabalhar demasiado rápido, porque a aceleração artificial afasta o indivíduo dos fatos essenciais e o leva para o terreno da mera aparência. Aqueles cuja meta é profundamente valiosa não têm motivo para viver com grande pressa.

* A paz de espírito resulta do tipo certo de interação entre a mente e o centro emocional. Um silêncio interno é necessário para que os pensamentos sejam escutados no mundo emocional. A ausência de ruído torna possível que os sentimentos sejam compreendidos no território das ideias. Um desapego diante das situações externas de curto prazo permite que o coração e a mente do indivíduo olhem para o mundo desde o ponto de vista da “escada” para o céu, antahkarana.

* Nem tudo é uniforme quando a vida se reorganiza através de uma mudança rápida e profunda nas marés do carma. Em ocasiões especiais, cabe agir com força e avançar de modo decisivo na alteração de estruturas de pensamento e ação em determinados aspectos da vida. Assim que uma nova forma de evolução do carma foi definida em suas premissas e seus alicerces, chega o momento para uma relativa pausa nos aspectos externos do esforço, de modo que as linhas subsidiárias de ação e reação possam adotar novos ritmos e ciclos, e adaptar-se à alteração dos limites e condicionamentos. Cada vez que agimos no mundo das causas, devemos dar um certo tempo para que o mundo dos efeitos se adapte, antes que a ação renovadora receba outro impulso.

* George Orwell escreveu sobre a relação direta entre a pobreza da nossa linguagem diária e a superficialidade da capacidade de pensar. Uma força política baseada em falsidades naturalmente boicota o debate honesto através do uso do insulto e de estímulos às emoções exacerbadas. Visa tornar impossível o uso adequado do cérebro dos cidadãos, para assim ocultar os seus erros e, em muitos casos, crimes. Por outro lado, as forças políticas sérias e que não estão envolvidas com a mentira sistemática preservam uma linguagem equilibrada, explicam as suas ações, ouvem os adversários honestos e estimulam o uso do raciocínio sereno por parte da população, porque confiam na verdade. A prática do ataque pessoal e as expressões de ceticismo sistemático em relação ao país não fazem parte da lucidez política e, além disso, indicam a presença de insinceridade.

* A experiência acumulada dos povos, assim como a experiência dos indivíduos, aponta na mesma direção do que é ensinado pelas escrituras de diferentes religiões: a ação construtiva deve ser prioridade, as ações destrutivas não devem ser prioridade. Emoções e pensamentos solidários, e a capacidade de agir criativamente merecem ser uma meta central.

* É mais fácil derrubar uma árvore do que plantá-la e cuidar do seu crescimento. Desprezar o que existe porque talvez não corresponda às nossas expectativas é um gesto baseado no sentimento de frustração e não traz bons frutos. O rancor é mau conselheiro. Por outro lado, a gratidão produz felicidade.

* Melhorar o que existe é sábio. Construir desde o início o que terá grande valor é adequado. Plantar uma floresta tem mérito. A solidariedade guia os seres humanos na direção da paz. A sabedoria da alma os faz despertar para a cooperação, e o exemplo prático do que é correto constitui a melhor maneira de evitar a repetição dos erros.

Depois passa ao seguinte e a outro e outro mais - até cumprir a ronda sétupla de evolução de mundos ao longo da cadeia, quando o Mahayug chega ao seu final. Então é o caos *novamente* - o *Pralaya*. À medida que este impulso vital avança (da sétima e última ronda de um Planeta para outro), deixa para trás planetas moribundos que em pouco tempo serão “planetas mortos”.

Quando o homem da sétima e última ronda passa ao mundo seguinte, o mundo anterior, com toda a sua vida mineral, vegetal e animal (exceto o homem), começa a morrer gradualmente até que, com o êxodo dos últimos animálculos [2], ele se extingue, ou como disse H. P. B., se apaga como uma vela (*pralaya menor* ou parcial). Quando o Espírito do homem chega ao último elo da cadeia e passa ao Nirvana *final*, este último mundo também desaparece ou passa à subjetividade. Desta forma, entre as galáxias estelares, há o nascimento e as mortes de mundos, sempre um após o outro, na organizada procissão da Lei natural. E, como já foi dito, a última conta é enfiada no cordão do “Mahayuga”.

Quando o último ciclo da evolução humana tiver sido completado por aquela última terra fecunda, e a humanidade tiver alcançado toda a etapa do Budado e ultrapassado a existência objetiva mergulhando no mistério do Nirvana, então “soa a hora”; o visível se torna invisível, e o concreto reassume seu estado pré-cíclico de distribuição atômica.

Mas os mundos mortos deixados para trás pelo impulso envolvente não continuam *mortos*. O movimento é a ordem eterna das coisas e a afinidade ou atração é o seu criador em todos os trabalhos. A vibração da vida reunirá novamente os átomos, e se agitará outra vez no planeta inerte quando chegar a hora. Embora todas as suas forças tenham permanecido em *status quo* e estejam agora adormecidas, pouco a pouco, quando *voltar* a soar a hora, o planeta as reunirá para um novo ciclo de maternidade geradora de homens, e dará nascimento a tipos físicos e morais ainda mais elevados do que no *manvântara* anterior. E com seus “átomos cósmicos já em estado diferenciado (*diferenciando-se*, na força produtora, no sentido mecânico, de movimentos e efeitos) permanece em *statu quo* assim como os globos e tudo o mais que esteja em processo de formação”. Tal é a “hipótese que está de pleno acordo com a (sua) (minha) nota”. Pois, como o desenvolvimento planetário é tão progressivo quanto a evolução humana ou racial, a hora da chegada do Pralaya alcança a série de mundos em etapas sucessivas de evolução; isto é, cada um chegou a algum dos períodos do progresso evolutivo. E cada um se detém ali, até que o impulso de expansão do próximo *manvântara* o ponha em marcha, desde o ponto exato em que parou, como ocorre com um relógio parado a que se voltou a dar corda. Por isso usei a palavra “diferenciado”.

Ao chegar o Pralaya, nenhum homem, animal, ou mesmo entidade vegetal estará vivo para vê-lo, mas haverá a terra, ou os globos, com seus reinos minerais; e todos esses planetas estarão fisicamente desintegrados no pralaya, mas não destruídos; pois eles têm o seu lugar na sequência de evolução e quando suas “necessidades” saírem novamente da subjetividade [3], encontrarão o ponto exato de onde devem seguir adiante ao redor da cadeia de “formas manifestadas”. Isto, como sabemos, se repete indefinidamente por toda a ETERNIDADE. Cada homem, cada um de nós seguiu esta ronda sem fim, e a repetirá eternamente. O desvio do curso de cada um e seu ritmo de progresso, de Nirvana a Nirvana, é regido por causas que ele mesmo cria a partir das necessidades em que ele próprio se vê envolvido.

Este quadro de uma eternidade de ação pode desanimar as mentes acostumadas a esperar uma existência de repouso permanente. Mas o conceito dessas mentes não é confirmado pelas analogias da natureza, nem pelos ensinamentos de sua ciência ocidental, se me permite dizer, por mais ignorante que eu possa ser considerado nesta ciência. Nós sabemos que os períodos de atividade e repouso se seguem uns aos outros em todas as coisas na Natureza, desde o

macrocosmo com os seus sistemas solares até o homem, e sua mãe Terra, que tem suas estações de atividade seguidas pelas de sono; e que, em resumo, toda a Natureza, com as formas de vida que gerou, tem o seu tempo de recuperação. O mesmo ocorre com a individualidade espiritual, a Mônada que inicia seu movimento de rotação cíclica de descenso e ascensão. Os períodos que ficam entre duas “rondas” *manvantáricas* são suficientemente grandes para recompensar os milhares de existências passadas em vários globos; enquanto o tempo entre dois “nascimentos de raça” - ou *anéis* como você os chama - é suficientemente longo para recompensar qualquer vida de luta e de miséria com o lapso de tempo passado na bem-aventurança consciente após o renascimento do *Ego*. Conceber uma *eternidade* de bem-aventurança ou de sofrimento como resultado de qualquer ação de mérito ou demérito de um ser que possa ter vivido um século ou mesmo um milênio em corpo físico, é algo que só pode ser proposto por quem nunca captou a realidade esmagadora da palavra Eternidade, nem refletiu sobre a lei da perfeita justiça e equilíbrio que permeia toda a Natureza. É possível que lhe sejam dadas outras instruções que mostrarão como a justiça é perfeitamente realizada, não só em relação ao homem, mas também em relação às criaturas inferiores a ele, instruções que lançarão alguma luz, espero, sobre a discutida questão do bem e do mal.

NOTAS:

[1] *Mahayug*, ou *Mahayuga* é o mesmo que Manvântara. Consiste no conjunto de quatro Yugas ou eras, cada uma com 4.320.000 anos solares. No sistema bramânico, o *Mahayug* ou Manvântara corresponde a um “Dia de Brahma”. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mahatmas”)

[2] Animálculos: animais microscópicos. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mahatmas”)

[3] O físico David Bohm (1917-1992) formulou na segunda metade do século 20 os conceitos de *ordem implícita* e *ordem explícita*, que se aplicam tanto a cenários macrocósmicos como a cenários microcósmicos. Segundo Bohm, o universo e cada fenômeno dentro dele alternam estados de ordem implícita (existência subjetiva) e ordem explícita (existência objetiva). Assim o físico moderno recuperou em linguagem científica conceitos teosóficos como os que o Mahatma expressa nesta carta. Veja, por exemplo, a obra *A Totalidade e a Ordem Implícita*, David Bohm, Ed. Cultrix, SP, 292 pp. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mahatmas”)

[O texto acima é parte da carta 46 de “**Cartas dos Mahatmas**”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, coordenação editorial de Carlos Cardoso Aveline, Volume I, pp. 208-213. Corresponde à Carta XII em “**The Mahatma Letters**”, A. Trevor Barker (ed.). A edição em inglês de 1926 da obra está disponível em PDF em nossos websites associados.]

Novos Textos em Nossos Websites

Os textos publicados nos websites associados [1] entre 15 de junho e 11 de julho de 2017 são os seguintes:

(Artigos mais recentes acima)

1. **How a Sacred Decision Unfolds** - Carlos Cardoso Aveline
2. **Preparando o Ponto Ômega** - Carlos Cardoso Aveline
3. **La Aceleración del Renacimiento** - Carlos Cardoso Aveline
4. **Positive Thought in a Negative World** - The Theosophical Movement
5. **O Caminho Montanha Acima** - Carlos Cardoso Aveline
6. **Preparing the Omega Point** - Carlos Cardoso Aveline

7. **A Aceleração do Renascimento** - *Carlos Cardoso Aveline*
8. **The Aquarian Theosophist, June 2017**
9. **Freud on Freedom From Delusion** - *Carlos Cardoso Aveline*
10. **O Uso das Nossas Energias** - *Carlos Cardoso Aveline*
11. **Vitória Régia** - *Oswaldo Silva*
12. **Reunião Reservada Com o Dalai Lama** - *Equipe Bodigaya*
13. **How to Build a Theosophical Lodge** - *An Eastern Master*
14. **Theosophists Must Be Independent** - *A Master of the Wisdom*
15. **O TEOSOFISTA, Junho de 2017**

NOTA:

[1] Os websites associados incluem www.FilosofiaEsoterica.com, www.CarlosCardosoAveline.com, www.AmazoniaTeosofica.com.br, www.HelenaBlavatsky.net, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org e www.TheAquarianTheosophist.com.

Examinando a Tradição Popular: **A Lenda das Cegonhas**



Não há motivo para agarrar-se à noção neurótica segundo a qual “a vida é excessivamente dolorosa” e a lei do universo estabelece “o triste reinado da impermanência”.

Embora às vezes esteja na moda, a vitimização esotérica é inútil na melhor das hipóteses.

Culpar o “Kali Yuga” pelos erros humanos da época atual é uma atitude particularmente destituída de inteligência.

O universo é regulado pela lei da eterna renovação. As velhas formas são abandonadas para que outro nascimento ocorra. A cada final corresponde um começo. A decadência prepara a renovação. Cada noite do tempo tem uma missão: o seu dever é preparar a nova manhã.

